

O Estado de S. Paulo

12/7/1986

Noticiário Geral

O CONFLITO DE LEME

Pazzianotto culpa pregação da violência

"Essa pregação de invasões e violências deu no assalto ao banco em Salvador, naquele episódio da General Motors, em São José dos Campos, isso para citar os casos mais conhecidos, e acaba dando nisso que ocorreu em Leme. É claro que, se as pessoas saem pregando a violência contra a lei, a ordem estabelecida e contra o governo democrático e aberto, há um risco muito grande de serem responsabilizadas por fatos dessa natureza, pelo menos pela opinião pública." O desabafo é do Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, ao comentar ontem, em São Paulo, em seu gabinete, na DRT, os incidentes ocorridos em Leme.

O ministro disse que no último sábado, quando esteve em Araras para apurar as razões da greve na vigência do acordo, tomou conhecimento que a Agropecuária Campo Alto S/A e a Usina São João não vinham respeitando o acordo assinado em 25 de junho na Delegacia do Trabalho pelos trabalhadores rurais e empregadores desse tipo de mão-de-obra, que previa o preço e a forma de controle de trabalho e ganhos diários, especificamente na cláusula 4.

"A minha preocupação", disse o ministro, "é que se todo acordo celebrado passar a ser contestado e alterado na semana seguinte, vai ficar difícil para o Ministério do Trabalho insistir na tese da negociação, porque a negociação exige que as partes tenham uma disposição não só de negociar e de celebrar o acordo, mas também de cumpri-lo, salvo se ocorrer um fato tão excepcional que inviabilize este acordo. A prática da negociação exige que as partes estejam dispostas a cumprir aquilo que foi acordado".

O ministro ressaltou que a manutenção da ordem naquela região é da alçada exclusiva do governo do Estado. "A apuração de responsabilidades, a identificação dos culpados e a instauração de inquérito, tudo isso é problema da Secretaria da Segurança de São Paulo. O governador Franco Montoro já divulgou nota oficial afirmando que fará uma rigorosa apuração dos fatos."

"O senhor acredita que há gente estranha envolvida nestas questões?" — indagou um jornalista. "A imprensa está noticiando isso a todo momento", respondeu o ministro. "Eu acredito na imprensa. Nós estamos sabendo, e de fato existem outras pessoas. No sábado, eu vi pessoas que não são da categoria, como políticos do PT; e outras que nem mandato parlamentar têm. Espero que as lideranças sindicais consigam cumprir o mandato que lhes foi conferido pelos trabalhadores."

O ministro analisou o pedido de empresários para a interferência do governo federal no movimento grevista, principalmente na região metropolitana de São Paulo. "É um direito de cada cidadão e de qualquer empresário fazer qualquer pedido. Conversei com Roberto Della Manna, do Grupo 14, que perguntou sobre a repercussão do documento. Eu não tive a oportunidade de examiná-lo. Somente li as notícias dos jornais. Vou conversar com dirigentes empresariais e sindicais na semana que vem."

ESFERA TRABALHISTA

O ministro afirmou ainda que não pode imaginar a repetição de acidentes como os de Leme. "Vamos repor a questão trabalhista na esfera trabalhista". Ele também afirmou não acreditar

que esses incidentes possam representar uma quebra no avanço de negociações entre empresários e trabalhadores.

"Em Guariba, em 1983, no incêndio ocorrido nas instalações da Sabesp, tivemos acontecimentos semelhantes, nos quais morreu um cidadão totalmente alheio aos acontecimentos. Em 1984, os fatos se repetiram em Guariba, Sertãozinho e Barrinha. Houve tiros e choques com a polícia. Por coincidência, em Guariba, estavam os mesmos parlamentares que estavam em Leme."

(Página 10)